

Delimitações para uma Cartografia Brasileira dos Estudos Culturais

Ana Carolina D. Escosteguy

Ainda são muito poucas as contribuições em circulação sobre a recepção brasileira dos estudos culturais e mais raras ainda, quando se identifica essa tradição com uma determinada abordagem anglo-saxônica de análise cultural. No primeiro caso, indico, por exemplo, a trajetória traçada por Dias (1994) sobre a explanação de temáticas culturais de nossa realidade dentro do pensamento sociológico brasileiro. Na segunda situação, as análises de Alves (1996) e Cevasco (2003) que, embora assumindo pontos de vista diferenciados, reivindicam a existência de uma reflexão brasileira de caráter semelhante à narrativa britânica dos estudos culturais, no entanto, anterior a essa última. Ambos indicam, por exemplo, o pensamento de Antônio Cândido e outros contemporâneos, como deflagradores de um tipo de abordagem cultural que bem poderia denominar-se de estudos culturais.

Nosso foco, aqui, é outro. Não se trata de delimitar origens, fundações ou mesmo pioneirismos. Mesmo porque é essencial reter algo que Stuart Hall defendeu em duas ocasiões – quando conferenciava sobre o legado teórico dos estudos culturais, numa universidade norte-americana, em 1990, e numa entrevista sobre o processo de internacionalização dos estudos culturais: “(...) não entendo uma prática que tenta fazer uma diferença no mundo que não tenha alguns pontos de diferença ou distinção a definir e defender. Trata-se de posicionamentos, apesar destes últimos não serem nem finais nem absolutos. Não podem ser traduzidos intactos de uma conjuntura para outra; não se pode esperar que se mantenham no mesmo lugar (...)” (Hall, 2003: 202). Logo, quando os estudos culturais migram, trata-se de um processo de negociação cultural. Em cada um desses lugares onde eles chegam, os termos vão mudando, há elementos que permanecem e existem outros que mudam sua face. Se não fosse assim, o processo estaria incompleto, pois não daria conta das particularidades da sociedade em questão (Hall, 1996).

Portanto, nesta ocasião, assumo esse pressuposto para delinear um itinerário que, mais tarde, irá colaborar para um relato sobre a entrada dos estudos culturais na comunicação, destacando a especificidade brasileira nesse processo. É com esse objetivo que proponho observar as relações entre os estudos culturais e a comunicação,¹ no nosso contexto acadêmico, adotando a perspectiva de pensar nas mudanças que essa nova tradição trouxe para o campo.²

Antes disso, no entanto, preciso fazer dois esclarecimentos. O primeiro diz respeito ao próprio entendimento dos estudos culturais como campo, desdobrado na sua compreensão como uma nova tradição teórica em solo nacional. O segundo, trata de delimitar a área da comunicação e sua configuração no Brasil como um dos ambientes no qual essa tradição chega, bifurcando-se basicamente em dois eixos. De um lado, reposiciona num cenário maior certas pistas que já vinham sendo seguidas – refiro-me em especial aos *estudos de recepção* – e, de outro, inicia um delineamento de certos veios de investigação, não novos, mas que passam a ser vistos sob um olhar diferenciado – falo principalmente do estudo de *identidades culturais regionais, étnicas, de raça, de gênero e até mesmo um outro aporte para pensar as identidades nacionais*, todas elas sempre relacionadas à sua configuração pelas tecnologias de comunicação.

Dado meu propósito, adoto a noção de campo, à moda de Bourdieu, para pensar o campo científico da comunicação, aqui, institucionalizado, e o campo dos estudos culturais na sua trajetória no mundo anglo-saxão. Portanto, a mesma noção é apropriada para pensar a constituição e institucionalização de dois espaços acadêmicos com os respectivos embates entre seus agentes em dois contextos geográficos e culturais distintos, logo, submetidos a regras diferentes e disputas específicas – por exemplo, se nós, agentes do campo da comunicação, hoje, no âmbito nacional, estamos em confronto interno pela afirmação de uma determinada visão de comunicação, no mundo anglo-americano, os agentes do campo dos estudos culturais se enfrentam, no que diz respeito a conservação e recuperação de um determinado legado teórico que remete à sua origem,³ diante de novos desenvolvimentos.

Porém, nunca é demais reafirmar, em linhas gerais, as contribuições desse novo campo que, sumariamente, localizam-se no cunho amplo e político que a noção de cultura assumiu, repercutindo na importância da análise histórica local de fenômenos socioculturais, no estudo das diferenças culturais das mais variadas ordens (étnicas, sexuais, entre outras) e na importância que as conquistas tecnológicas assumiram na contemporaneidade.

A cultura, é claro, já era há muito estudada por diversas áreas – antropologia, sociologia, literatura, entre outras. No entanto, essa face política que se adere ao estudo da cultura causou impacto tanto nos domínios das ciências sociais quanto nas humanas. Além disso, o desafio dos estudos culturais foi o de propor uma cooperação entre especialistas de diversas disciplinas o que, de alguma forma, abalou a divisão organizadora vigente no momento e encorajou uma certa violação de fronteiras disciplinares em termos de temáticas específicas, objetos e contribuições teóricas e

metodológicas. No entanto, ao longo do tempo, as relações entre os estudos culturais e esses outros campos do saber foram-se alterando.

Se os estudos culturais podem ser vistos como campo, dado a legitimidade, institucionalização e profissionalização que alcançaram na Inglaterra, Estados Unidos, Canadá (sobretudo, onde se fala inglês) e Austrália, quando essa proposta teórica se desloca e alcança o território brasileiro, nessa transição, sua tradução é específica em cada campo onde se aloja. Inseridos em um determinado espaço acadêmico, precisamos tomar os estudos culturais como mais uma tradição teórica que chega em outro lugar e é apropriada, segundo especialmente: *a*) o contexto histórico vivido; *b*) a circulação de teorias que estão em voga, naquela época, no âmbito das ciências sociais e humanas, já que é aí que a comunicação se localiza; e *c*) o momento específico que cada campo vive. Por isso, podemos construir narrativas diferentes a partir de espaços disciplinares distintos – comunicação, educação, literatura, sociologia, psicologia etc.

Depois de firmar a partir de que lugar vou tentar construir este relato e porque esta mesma narrativa é pertinente, opto nesta etapa pela apresentação de tópicos que, aqui, estão provisoriamente esboçados.

No percurso da recepção de idéias associadas aos estudos culturais no Brasil, do ponto de vista da comunicação, é possível identificar três ciclos. Embora o primeiro deles não tenha deixado marcas mais precisas, não podemos desconhecê-lo. Assim, o marco inicial é a tradução e publicação de *Cultura e sociedade 1780-1950* (São Paulo, Nacional, [1958] 1969) e, de forma secundária, *Marxismo e literatura* (Rio de Janeiro, Zahar, [1977] 1979),⁴ de Raymond Williams. Tais textos, como todos nós sabemos, são considerados fundadores dos estudos culturais, sobretudo, o primeiro.

A primeira tentativa de divulgação das contribuições de Williams, na virada dos anos 60 para os anos 70, não teve repercussão na pesquisa em comunicação dado que era um período conflagrado entre uma abordagem estritamente comunicacional, vinculada ao funcionalismo, e outra onde os fenômenos comunicacionais e seus respectivos produtos culturais, ainda que vistos como parte de uma estruturação social mais ampla, eram tomados mecanicamente como agentes da reprodução social. Isto revelava uma forte associação à teoria da ideologia althusseriana e suas variações, sem destaque para a natureza complexa, dinâmica e ativa da cultura – neste caso, a midiática – na construção da hegemonia.

É justamente em oposição a esse viés estruturalista e esquemático que está construída a produção intelectual de Williams que não encontra ambiente para se propagar entre os intelectuais da comunicação, naquela época. Não podemos deixar de assinalar que a década de 1970 foi marcada pela repressão e censura aos meios de

comunicação, desencadeada pelo regime militar, instaurado em 1964. Logo, nesse contexto, e de modo que não podia ser senão contraditório, a existência de traços fortemente políticos em *Cultura e sociedade* (1969) não foi notada.

Williams rejeitava a lógica da determinação direta do âmbito da economia sobre a cultura e desta como reprodutora da estrutura social, dando especial atenção a esfera cultural e a sua expressão identificada com o comum e ordinário, portanto, também, a capacidade de ação dos sujeitos. Dado que a pesquisa brasileira em comunicação do mesmo período respondia muito mais aos condicionantes externos que, por sua vez, exigiam uma posição político-ideológica que denunciasses as marcas de uma dependência estrutural que se refletia no plano da comunicação e cultura midiática, assim a publicação dos referidos textos passou despercebida.

Vale lembrar, ainda, que a década de 1970 é um marco divisor na configuração da pesquisa em comunicação no País, pois é nesse período que são implantados os primeiros cursos de pós-graduação. A partir daí é que a produção científica e acadêmica em comunicação vai ser incrementada, revelando um aumento substancial na próxima década – anos 80. Isto tem relação, também, com a consolidação de um mercado nacional de bens simbólicos no mesmo período.⁵

O segundo ciclo está associado, fundamentalmente, à divulgação do que, na virada dos anos 80 para os anos 90, ficou conhecido, por uns, como uma teoria latino-americana da comunicação e, por outros, como escola latino-americana. A publicação de *De los medios a las mediaciones*, em 1987, de Jesús Martín-Barbero, e a discussão de suas formulações, especialmente, em programas de pós-graduação em comunicação,⁶ contribuiu para chamar a atenção dos pesquisadores brasileiros sobre a contribuição para o campo da comunicação dos trabalhos individuais de Raymond Williams e Richard Hoggart.

No entanto, nessa etapa, ainda não são propriamente os estudos culturais como campo que são referenciados, mas as pesquisas individuais desses intelectuais. De toda forma, a circulação desses textos ficou bastante restrita o que, do meu ponto de vista, contribuiu para retardar o ingresso dos estudos culturais entre nós.

No plano das teorias em circulação, na década de 1980, no campo da comunicação, observa-se que, num momento inicial (primeira metade dos anos 80), as investigações ainda apoiavam-se numa lógica dualista, ora privilegiando os modos de resistência das classes populares aos conteúdos midiáticos, ora reiterando a reprodução da ideologia dominante via os meios de comunicação. É nesse cenário teórico que o pensamento de Martín-Barbero chega no Brasil.

Mesmo que ainda em andamento, esse autor formula a proposta conhecida como “teoria das mediações” (1987). Uma das idéias-forte do seu programa reside no

deslocamento do estudo dos meios em si mesmos (e por si mesmos) para sua inserção na cultura, mas esta não deixa de estar articulada a condições históricas estruturais. Ao situar os meios na cultura, reivindica a observação de dimensões do conflito social, de formação de novos sujeitos – calcada em diferenças regionais, de gênero, sexuais, de geração, de religião, entre outras – e de modos de resistência. Para tal, propõe uma redescoberta do valor sociológico do cotidiano, contaminando os estudos da comunicação de uma perspectiva antropológica. Foi a partir dessas pistas que sua reflexão passou a ser entendida como equivalente ao estudo do âmbito da recepção, o que diga-se de passagem se trata de um engano.

De modo bastante lento, ao longo da década de 1990, tais pressupostos vão colaborar para alterar os rumos da investigação das relações entre sujeitos e meios. É claro que enfrentando resistências e críticas, nem sempre explícitas.⁷ Contudo, dado que a tradução brasileira de *De los medios a las mediaciones* somente aparece em 1997, nota-se a partir daí uma circulação mais extensiva de suas formulações na pesquisa brasileira em comunicação.

De toda forma, aos poucos e, sobretudo, na segunda metade dos anos 90, expandem-se os chamados estudos de recepção, sob influência da perspectiva das mediações. Dentro de um espectro maior de interesse pelas audiências no campo da comunicação, estas são entendidas por meio de uma abordagem na qual estão envolvidas diversas mediações sociais e culturais que associam a recepção com a vida social, assim a mídia tem variadas significações para distintas culturas e, em parte, a cultura das audiências tem peso no trabalho de sua apropriação. Nessa perspectiva, o entendimento da relação que se estabelece com a mídia se dá a partir de posições ocupadas na estrutura social, apoiando-se com diferentes ênfases na posição de classe social, de gênero, de raça, de idade, de contexto (rural/urbano), de distintas identidades nacionais, regionais e étnicas, entre outras.

A idéia defendida abarca uma visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos midiáticos onde são consideradas múltiplas relações sociais e culturais, portanto, trata-se de uma ruptura com concepções passivas da audiência, substituindo-as por uma abordagem mais dinâmica onde se passa a pensar a relação existente entre o campo de emissão/produção e recepção/consumo. Portanto, até o final dos anos 90, os estudos de recepção apóiam-se nas proposições de Martín-Barbero, mas sem perceber conexões mais densas com uma vertente que se desenvolveu a partir de pesquisas vinculadas aos estudos culturais.⁸

O terceiro ciclo é o que estamos vivendo hoje quando se fala muito em estudos culturais, há muitas referências e, inclusive, circulação de críticas a esse corpo teórico-metodológico,⁹ mas se conhece muito pouco dos próprios textos em

questão. A escassez de traduções em português continua e a grande maioria das referências se pauta por consulta a textos de comentadores. A procura de um texto “clássico”¹⁰ dos estudos culturais que trate de sua genealogia e de seus pressupostos teórico-metodológicos, numa edição brasileira, talvez fique restrita ao *O que é, afinal, estudos culturais*, de Richard Johnson, e a recentíssima publicação da coletânea de trabalhos de Stuart Hall (2003), onde podemos encontrar, por exemplo, “Estudos Culturais – Dois paradigmas”, “Significação, representação, ideologia – Althusser e os debates pós-estruturalistas” e “Estudos culturais e seu legado teórico”.

Gostaria de destacar que ainda vivemos um *momento de chegada* dos estudos culturais, no Brasil, na medida em que é exígua a circulação dos seus “clássicos”. Utilizo tal expressão, *momento de chegada*, por falta de termo melhor que sugira que ainda é recente e precário o debate entre nós sobre os estudos culturais. Isto é respaldado pela ausência de circulação de textos-chave sobre o tema em português e, é claro, em edições brasileiras.

O próprio interesse editorial pelos estudos culturais é novo.¹¹ Se pensarmos na proliferação de periódicos sobre o tema e, sobretudo, vinculados ao campo dos estudos culturais no território anglo-americano, sua quase-ausência nos acervos de nossas bibliotecas e mesmo no Portal da Capes é reveladora do descompasso existente entre essa produção e o nosso conhecimento da mesma. Isto faz com que haja muita menção aos estudos culturais, através de referência a textos que entram num determinado circuito acadêmico, mas pouco conhecimento sobre sua genealogia, pressupostos teóricos e desenvolvimentos atuais.¹² Assim, na maioria das vezes, trata-se de conhecimento de segunda-mão.

Depois dessas anotações iniciais para esse primeiro esboço de uma cartografia brasileira dos estudos culturais, do ponto de vista da comunicação, gostaria de ressaltar que a primeira mudança observada que pode ser atribuída ao influxo dos estudos culturais, se bem que, num primeiro momento, de forma indireta, trata da problematização de um certo entendimento de comunicação como um fenômeno ou evento centrado nas próprias tecnologias de comunicação. Isto é, a pesquisa brasileira em comunicação tem privilegiado como objeto de estudo os meios como instituições midiáticas, as formas simbólicas produzidas e veiculadas por essas tecnologias de comunicação e, em menor proporção, as audiências, portanto, depreende-se daí um enfoque fragmentado e esquemático do processo comunicativo e, por sua vez, da comunicação em si mesma.

Do meu ponto de vista, os estudos culturais contribuem para repensar o próprio sentido de comunicação, considerando-a como um processo sociocultural básico no qual se destaca a ação de todos os sujeitos envolvidos na produção de

sentido. Mais do que estudar as tecnologias de comunicação como instâncias que intervêm na comunicação ou, em outras palavras, em termos instrumentais, entende-se a comunicação como constitutiva de práticas sociais, portanto, da estruturação da sociedade. Reconheço que nessa acepção a amplitude do olhar é potencializada ao máximo, por isso, o recorte que cabe à comunicação é investigar as práticas sócio-culturais mediadas pelas tecnologias de comunicação. Admitido esse pressuposto, considero esta primeira mudança de ordem epistemológica, que está a merecer um estudo mais aprofundado.¹³

A segunda mudança que é uma consequência dessa reorientação do foco conceitual do termo comunicação, pode ser identificada, no plano da pesquisa, no deslocamento do olhar centrado nas tecnologias e na sua institucionalização, bem como nos diversos textos midiáticos, veiculados pelas mesmas, para a experiência dos sujeitos decorrentes do seu uso e apropriação de seus produtos.¹⁴ Não estou dizendo que a pesquisa sobre as audiências se inicia com os estudos culturais, mas que um determinado entendimento sobre essas práticas de recepção midiática é incrementado através da, mesmo que frouxa, vinculação aos estudos culturais.

Se, num primeiro momento, esse deslocamento foi, em solo nacional, incentivado através das formulações de Martín-Barbero, como já foi dito antes, hoje já há um reconhecimento que a nossa trajetória de pesquisa vincula-se também a um movimento maior nessa mesma direção e que este foi deflagrado pelos estudos culturais (ver, por exemplo, Ronsini, 2004). É, nesse sentido, que falo em um *reposicionamento dos estudos brasileiros de recepção* da virada de século, bem como um crescente movimento de reflexão sobre seu estágio atual, impasses e futuros desafios.¹⁵

E a última mudança, que recém-começa a ser sentida, trata do interesse pela constituição das diversas identidades culturais dos sujeitos cada vez mais mediadas pelas tecnologias de comunicação – das tradicionais à nova mídia (Wizzard, 2000). Apesar do estágio inicial da discussão, observa-se que, por ora, o que ainda tem gerado mais atenção diz respeito às identidades regionais, dado sobretudo a intensificação do processo de globalização e mundialização da cultura e a forte circulação, no campo da comunicação, de teorias a esse respeito, incluindo aquelas que referem-se ao enfraquecimento das identidades nacionais. Mas há sinais de que as identidades de gênero, sexuais, de raça, étnicas, religiosas, juvenis, entre outras, aos poucos entrem em cena e tornem-se mais um foco de investigação. Em especial, a problemática do gênero, da raça, da cultura dos jovens e da sexualidade não são temáticas novas, mas nunca foram intensamente estudadas no campo da comunicação. Por meio da entrada dos estudos culturais na área, elas são teoricamente renovadas, passando a compor um novo viés de pesquisa.

Enfim, considero delineadas, aqui, algumas notas para pensar a recepção brasileira dos estudos culturais na comunicação, através das quais pretendi destacar como os estudos culturais chegam e são incorporados no campo da comunicação e a singularidade desse processo no território nacional. Considero pertinente atentar para essa especificidade na medida em que as contribuições dos estudos culturais alojam-se em departamentos disciplinares já institucionalizados e com uma história, sendo possível a constituição de uma determinada identidade diferenciada segundo o *locus* no qual se instala.

Reivindico, ainda, que existe na tradução brasileira dos estudos culturais uma fluência singular, pois as diferenças nacionais devem-se às origens contextuais particulares. Considero essencial não perder de vista a localização e historicidade do objeto de estudo, mesmo porque esta faz parte da própria proposta dos estudos culturais. Se não fosse assim, não estaríamos seguindo um dos princípios mais caros aos estudos culturais. Mas, novamente, ao adotar o adjetivo brasileiro não está eliminada a possibilidade de compartilhar com outros determinadas características. Além disso, o termo também é utilizado como artifício para estabelecer um recorte e viabilizar um diagnóstico sobre a entrada e a presença dos estudos culturais na comunicação.

ANA CAROLINA D. ESCOSTEGUY é doutora em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC/RS e pesquisadora do CNPq. Autora de *Cartografias dos estudos culturais – uma versão latino-americana*, Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

NOTAS

* Este artigo é uma versão de outras anotações que, tendo origem em uma palestra, desdobra-se em outros textos. É preciso dizer, também, que essa reflexão faz parte de um projeto maior, desenvolvido com auxílio do CNPq e Fapergs.

1. Ver o trabalho de Prysthon (2003) que, também, pretende traçar algumas conexões entre comunicação e os estudos culturais, mas de forma diferenciada da que estamos propondo.

2. Já reconstitui outra narrativa, tendo em vista a configuração dos estudos culturais na América Latina, desde um olhar da comunicação (Escosteguy, 2001a, 2001b, 2001c). Aqui, faço a primeira tentativa de abordar a entrada dos estudos culturais na configuração brasileira na área da comunicação. Neste esforço são usadas leituras e releituras, principalmente, de Jesús Martín-Barbero, Stuart Hall, Raymond Williams, entre outros, bem como a bibliografia utilizada nos cursos – *Estudos culturais e comunicação* e, também *Comunicação e cultura – Trajetórias teórico-metodológicas*, em suas várias versões, ministrados na Pós-graduação em Comunicação Social da Famecos-PUC/RS, tornando-se quase impossível a localização de algumas citações. Ver programas e textos em <http://www.pucrs.br/famecos/professores/anacarolina/index.html>

3. Reconheço a existência de um discussão a esse respeito, no entanto, não é este o lugar para estabelecê-la como foco.

4. Um outro livro de Williams traduzido e publicado no Brasil é *Cultura* (São Paulo, Paz e Terra, [1981] 1992) que, também, não teve incorporação nos estudos de comunicação. Sobre outra temática, ver a publicação *O campo e a cidade* (São Paulo, Companhia das Letras, 1989).

5. Ver ORTIZ (1988). O autor afirma que as décadas de 1940/1950 podem ser consideradas como momentos incipientes de uma sociedade de consumo, e as décadas de 1960/1970 como de consolidação de um mercado de bens culturais no Brasil.

6. Destacam-se na divulgação do pensamento de Martín-Barbero, ainda basicamente em espanhol, a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e o programa de pós-graduação em comunicação do então Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo (SP).

7. No contexto brasileiro, identifico as observações de Lima Filho (1992) como uma das únicas críticas em circulação sobre o projeto barberiano.

8. Aqui refiro-me em especial as pesquisas desenvolvidas por David Morley que, num primeiro momento, estiveram vinculadas ao Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, Inglaterra. Ver Escosteguy (1999).

9. Ver, por exemplo, Mattelart e Neveau, 2004.

10. Vale a pena consultar as observações de Ítalo Calvino, em *Por que leer los clásicos*, Barcelona: Tusquets, 1992.

11. Nesse sentido, o grupo gaúcho, incentivado pelo pesquisador Tomáz Tadeu da Silva, localizado, sobretudo, no programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é o pioneiro na publicação de traduções.

12. Minha reivindicação por um conhecimento mais aprofundado da narrativa dominante dos estudos culturais, bem como de suas principais balizas, em nenhum momento implica em uma filiação rígida a essa herança. Ao contrário, sinalizo que o que ocorreu – e está, ainda, ocorrendo – no Brasil é um processo de negociação, de tradução de tais pressupostos.

13. Pretendo desenvolver este aspecto no projeto já referido.

14. Mesmo que esta associação não seja percebida nem problematizada na grande maioria dos estudos brasileiros de recepção, em especial da década de 1990. Ver Escosteguy e Jacks, 2004.

15. Nessa direção, desenvolvi a pesquisa “Os estudos culturais e a problemática da recepção: a categoria gênero em debate” (CNPq 2001/2003) e agora realizo o estudo “As contribuições teórico-metodológicas dos estudos culturais para a comunicação” (CNPq 2003/2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luiz Roberto. Uma relação ainda incômoda: os estudos culturais e a cultura brasileira. In LOPES, Maria Immacolata V. de (org.), *Temas contemporâneos da comunicação*, São Paulo: Intercom/Edicon, 1996, p. 235-241.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência – Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2003.

DIAS, Fernando Correia. Estudos culturais no Brasil: A tradição sociológica. *Sociedade e Estado*, vol. VIII, ½, p. 9-28, 1994.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais e recepção. *Revista Novos Olhares*, São Paulo, v. 2, 1999, p. 44-49.

_____. Os estudos culturais e sua vertente latino-americana. *Tendências da Comunicação*: 4. Porto Alegre, L & PM, 2001a, p. 120-129.

_____. *Cartografias dos estudos culturais – uma versão latino-americana*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001b.

_____. *Cultural Studies: A Latin American Narrative*. *Media, Culture and Society*, Londres/Nova York, Sage, 2001c, vol. 23, p. 869-881.

_____. Os estudos culturais e a constituição de sua identidade. In: Guareschi, Neusa e Bruschi, Michel (orgs.) *Psicologia social nos estudos culturais – Perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 51-74.

_____. Notas para um estado da arte dos estudos brasileiros de recepção na década de 90. In: Lemos, A, Pryston, A, Machado, J. e Sá, S. (orgs.) *Mídia.br – Livro da IIX Compós*, Porto Alegre, Sulina, 2004.

_____ e JACKS, Nilda. Práticas de recepção midiática: impasses e desafios da pesquisa brasileira. Texto apresentado na XIII COMPÓS, em São Bernardo do Campo, junho/2004. (Disponível em CD-Rom do congresso).

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

_____. Cultural studies and the politics of internationalization: an interview with Stuart Hall by Kuan-Hsing Chen. In: MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.), *Stuart Hall – Critical Dialogues in Cultural Studies*, London/New York: Routledge, 1996, p. 392-408. (ver HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.)

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: Silva, Tomáz Tadeu (org.) *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

(ver JOHNSON, Richard 1996 [1986-87]: What is cultural studies anyway?. In: STOREY, John (org.), *What is Cultural Studies? A Reader*, London: Arnold, 75-114.)

LIMA FILHO, Dirceu Tavares C. Mediações sobre o projeto mediador de Jesús Martín-Barbero. *Intercom, Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, v. XV, n. 2, p. 130-143, jul./dez. 1992.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones – Comunicación, cultura y hegemonia*. México, Gustavo Gili, 1987. [Trad. Bras.: Dos meios às mediações – Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.]

MATTELART, Armand e NEVEAU, Erik. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo, Parábola, 2004.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

PRYSTHON, Ângela. Estudos Culturais: uma (in)disciplina? *Comunicação e Espaço Público*, Brasília, n. 1 e 2, p. 134-141, 2003.

RONSINI, Veneza. *Entre a capela e a caixa de abelhas – Identidade cultural de gringos e gaúchos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

WALLERSTEIN, Immanuel (coord.) *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo, Cortez, 1996.

WIZZARD, Wilson Jr. *A nova mídia – A comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.